



O Etnógrafo e o Jornalista: O Olhar e a Escuta como Ferramentas de Trabalho¹

Karina Galli Fraga da SILVA²

Icléia Rodrigues de Lima e GOMES³

Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, MT

Resumo

O presente artigo apresenta uma reflexão acerca da semelhança entre os trabalhos dos profissionais jornalista e etnógrafo. Partindo da antropologia, principalmente do trabalho de Clifford Geertz, faz-se uma analogia entre a descrição densa, método etnográfico de que fala o autor, e a reportagem, forma de narrativa jornalística que se diferencia do simples relato noticioso pelo tratamento mais criativo e elaborado do texto. A questão da interpretação e da subjetividade, próprias da etnografia e portanto do trabalho antropológico, visa a uma construção de uma leitura do que acontece. Do mesmo modo, na reportagem reinterpreta-se a realidade percebida, ao captar o real sob múltiplos ângulos e observações. Em ambas as atividades, o que se vê é um constante ir e vir entre mim e o outro.

Palavras-chave

Reportagem; etnografia; jornalista; etnógrafo; interpretação;

Introdução

Quando Geertz⁴ decidiu estudar a sociedade balinesa, ele o fez movido por uma curiosidade em estudar uma cultura diferente da sua, em contar aos norte-americanos as suas impressões daquela gente. Ao analisar as aldeias, percebeu que uma rinha de galos revelaria grande parte de Bali, pois “é apenas na aparência que os galos brigam ali – na verdade, são os homens que se defrontam” (GEERTZ, 1989, p.283). Essa compreensão só foi possível por que o etnógrafo em questão lançou mão de ferramentas básicas para tal trabalho: o olhar e a escuta. Só através desses sentidos, ou melhor, do aguçamento deles, é que ele teve a habilidade de enxergar para além dos fatos. Muito já se tinha estudado sobre o local: sua mitologia, arte, seus rituais, sua organização social, porém

¹ Trabalho apresentado no GP Teorias de Jornalismo, XI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Jornalista e Mestranda do curso de Pós-graduação em Estudos de Cultura Contemporânea – ECCO – UFMT, email: gallif.karina@gmail.com

³ Orientadora do trabalho. Professora do Programa de Pós-graduação em Estudos da Cultura Contemporânea - ECCO – UFMT, email: limaegomes@yahoo.com.br

⁴ A interpretação das culturas, 1989.



as brigas de galos eram pouco mencionadas. Talvez por um olhar domesticado, que só vê o que quer. Ao invés de transformar o outro em folclore, Geertz nos deu uma outra versão dele: “Se olha para Bali não apenas através de sua dança, de suas peças de sombras, de sua escultura e de suas moças, mas também através de suas brigas de galos.” (1989, p.320)

Da mesma forma que o etnógrafo, para construir uma boa reportagem o jornalista precisa ter uma boa idéia, ter a intuição de farejar os fatos. Pedro Celso Campos (2002) diz que depois da grande idéia é preciso planejar uma boa pauta, montar um bom roteiro, traçar um plano de ação e partir para a pesquisa, botar o pé na estrada. Para ele, o caminho para a boa reportagem consiste em

(...) pesquisar, checar dados, recheckar com outras fontes, cruzar informações, descobrir mentiras antes que elas sejam publicadas, enterrar-se em calhamaços de documentos, pedir ajuda a quem entende para estudar papéis técnicos e balanços, andar muito, ouvir muito, perguntar muito e ter a sorte de contar com uma boa equipe, com um editor competente e um programador visual ainda mais... eis o caminho da boa reportagem.(CAMPOS, 2002, p.1)

É nesse aspecto que o trabalho do jornalista se assemelha ao do etnógrafo. Ele precisa saber olhar e escutar para escrever uma bela história. Se livrar dos clichês e dos padrões para proporcionar ao leitor uma nova versão de um fato por vezes tão explorado. É resistir à domesticação do olhar e desconstruir o que está posto. Mas isso não é fácil. O drama contemporâneo da invisibilidade nos ensurdece. Vemos, mas não enxergamos, ouvimos, mas não escutamos. A pressa no fechamento das matérias pasteuriza os textos, os tornam iguais. As pautas estão sempre prontas, é só mudar o quê, o como, o quando e o onde. Ora, se todos vêem as coisas da mesma forma, então não são necessários mais do que uns poucos jornalistas por redação.

A dificuldade em treinar o olhar nos remete à famosa constatação de Boas, o qual diz que “o olho que vê é sempre o olho da tradição”, ou seja, eu só olho para aquilo que é comum pra mim, com o qual eu me identifico. Tudo o resto é alteridade, diferença, logo a estranheza. As relações com o outro carregam sempre o tom da identidade e diferença. O outro é tudo aquilo que não sou, é alguém diferente de mim. Logo, as representações de mim e do outro mantêm conexões com relações de poder. Para Tadeu Tomaz,

A afirmação da identidade e a enunciação da diferença traduzem o desejo dos diferentes grupos sociais, assimetricamente situados, de garantir o acesso privilegiado aos bens sociais. A identidade e



diferença estão, pois, em estreita conexão com relações de poder. O poder de definir a identidade e de marcar a diferença não pode ser separado das relações mais amplas do poder. A identidade e a diferença não são, nunca, inocentes. (SILVA, 2000, p.81)

Ao propor o desenvolvimento de uma ciência da cultura, Tylor (1871) acreditava que todas as sociedades estariam dispostas numa única escala evolutiva ascendente, em diferentes estágios de desenvolvimento cultural. A confusão entre Cultura e civilização remete a um imaginário etnocêntrico, que vê a cultura ocidental – européia - como “alta” e que, portanto, estaria acima das demais, as quais um dia poderiam ascender. Sem hierarquizar, Geertz propõe analisar a desordem, a cultura enquanto uma sequência desconexa a ser desvendada. E, através da hermenêutica⁵, tentar compreender e não se preocupar em explicar.

Essa é a tarefa do jornalista, interpretar os relatos de seus informantes e criar uma narrativa a partir deles de modo a aproximar mundos. Tal aproximação de mundos é, aliás, um exercício do qual também se valem os etnógrafos. A partir da fusão de horizontes – seu e do grupo/indivíduos analisado (s) - eles se situam entre o estranho. Este processo, contudo, não requer abandono do próprio mundo do etnógrafo, mas implica na penetração do horizonte do outro. No caso do repórter, a imparcialidade preconizada do relato jornalístico é desmitificada, pois enquanto sujeito dotado de emoções e sentimentos, ao adentrar o universo do outro, ele se modifica ao mesmo tempo em que modifica o outro. Neste sentido, a pesquisa etnográfica, assim como a reportagem pode ser tomada enquanto experiência pessoal.

Situar-nos, um negócio enervante que só é bem sucedido parcialmente, eis no que consiste a pesquisa etnográfica como experiência pessoal. Não estamos procurando, pelo menos eu não estou, tornar-nos nativos ou copiá-los. O que procuramos, no sentido mais amplo do termo, que compreende muito mais do que simplesmente falar, é conversar com eles, o que é muito mais difícil, e não apenas com estranhos, do que se reconhece habitualmente. (GEERTZ, 1989, p.23)

A etnografia, para Geertz, consiste em um esforço intelectual para a descrição densa e essa descrição é sempre interpretativa, microscópica e inesgotável. Os

⁵ Hermenêutica é um ramo da filosofia que estuda a teoria da interpretação. A hermenêutica moderna ou contemporânea engloba não somente textos escritos, mas também tudo que há no processo interpretativo. Isso inclui formas verbais e não-verbais de comunicação, assim como aspectos que afetam a comunicação, como preposições, pressupostos, o significado, a filosofia da linguagem e a semiótica.



antropólogos trabalhariam com esta ferramenta quase como um contra-método, incorporando a história do pesquisador enquanto sujeito do seu próprio tempo. Fariam, então, um retrato de como as coisas são do ponto de vista da imaginação. Imaginação cimentada na análise dos veículos que transmitem significados. A semiótica desponta, então, como influência da antropologia interpretativa e a análise da cultura passa a se debruçar na análise da produção dos sentidos.

Para analisar veículos que transmitem significados, e que, portanto, dizem muito da cultura e da vida de um povo, o repórter, da mesma forma que o etnógrafo, precisa se inserir na vida e na rotina do grupo analisado e, convivendo com eles, eleger o (s) detalhe (s) que revela (m) muito do mundo daquele grupo. O ofício desses profissionais é, portanto, olhar uma cultura enquanto (con) texto, que precisa ser lida e interpretada, de modo que esta interpretação é sempre de segunda e terceira mão, pois como explica Geertz (1989, p.30) “o que inscrevemos não é o discurso social bruto ao qual não somos atores, não temos acesso direto a não ser marginalmente, mas apenas àquela pequena parte dele que os nossos informantes nos podem levar a compreender”.

No jornalismo interpretativo os fatos narrados são objetivos, mas o texto nunca o é, uma vez que está relacionado ao universo cultural do jornalista, que busca informações e informantes para construir seu texto, que, portanto, será a sua interpretação do que estudou, pesquisou e entendeu. Logo, o repórter precisa sentir aquilo sobre o que escreverá e só então ordenar o caos encadeando os fatos.

Essa modalidade do jornalismo permite uma grande liberdade de experimentações, pois o estilo da reportagem é menos rígido que o da notícia – cujo texto se vale do *lead* e da técnica da pirâmide invertida, que hierarquiza as informações de modo a permitir, já nas primeiras linhas, que o leitor possa ter acesso aos dados principais da notícia. A predominância da forma narrativa, a humanização do relato, a natureza impressionista do texto e a objetividade dos fatos narrados são características da reportagem e o que permite aos leitores se identificarem ao ler uma reportagem. Alguns autores recorrem à literatura para auxiliá-los no processo de narração da história. A reportagem, dizem, é o campo por excelência da aplicação da linguagem literária por procurar modos inovadores e até mesmo artísticos na busca por novas linguagens para o enquadramento do fato. Sodré e Ferrari (1986) aproximam a reportagem ao conto literário. “Pode-se dizer que a reportagem é o conto jornalístico – um modo especial de propiciar a personalização da informação ou aquilo que também se indica como interesse humano” (1986, p.75).



Retomando Boas, que defende a idéia de desenvolvimentos culturais diferentes e independentes, e que por isso se distancia do evolucionismo cultural de Tylor, enxerga as culturas como dinâmicas e acredita na unidade psíquica dos povos. Para ele, a complexidade dos fatos culturais dificulta as generalizações e a formulação de leis, pois cada cultura segue os seus próprios caminhos em função dos diferentes eventos históricos que enfrentou. Com isso, a explicação evolucionista da cultura só tem sentido quando ocorre em termos de uma abordagem multilinear⁶. É este o grande desafio das ciências sociais e humanas: promover discussões minuciosas lançando luz sobre temáticas reveladoras dos fenômenos sociais. Como disse Geertz (1989, p.38) a respeito dos objetivos da etnografia: “tirar grandes conclusões a partir de fatos pequenos, mas densamente entrelaçados”.

Conversar com eles: é este o ponto global da abordagem semiótica da cultura que tenta nos auxiliar a ganhar acesso ao mundo conceitual no qual vivem os sujeitos analisados. E é esta também a metodologia do jornalismo. Porque escutar é sempre afeto e saber escutar é não querer apenas encaixar a minha tese nas estórias dos meus personagens.

Em recente palestra no Congresso Regional de Estudos Interdisciplinares em Comunicação na Universidade Federal de Mato Grosso⁷, a jornalista Eliane Brum⁸ falou sobre a busca do personagem singular e enfatizou a ferramenta essencial do jornalismo: “Escutar, escutar e escutar”. As pessoas valorizam muito as perguntas, mas esquecem que tem de aprender a escutar as respostas. E saber escutar corresponde a prestar atenção ao que não é dito, porque quando uma pessoa para de falar, ela continua nos dizendo algo. Há coisas que só são contadas pelo silêncio.

É aí que se aproximam os modos de atuar do etnógrafo e do jornalista. Em cada detalhe, no banal, no repetitivo e desinteressante. É isso o que importa e que dá meios de desvelar a realidade. A escolha de determinada palavra e não de seu sinônimo, a casa da pessoa, o que ela mostra e o que ela não mostra do seu mundo, tudo é importante e nos diz algo. E para ser capaz de apreender tudo, é importante estar vazio, aberto e entregue para olhar e escutar o mundo do outro e ser preenchido por ele. Sem esquecer

⁶ Em oposição à teoria evolucionista, Franz Boas foi o precursor da idéia de que cada grupo humano desenvolve-se através de caminho próprio, que não pode ser simplificado na estrutura dos estágios selvageria, barbarismo e civilização. É disso que trata a abordagem multilinear da cultura (LARAIA, p.114)

⁷ O Congresso de Ciências da Comunicação da região Centro-Oeste - Intercom - aconteceu na Universidade Federal de Mato Grosso, no período de 08 a 10 de junho de 2011.

⁸ Eliane Brum é jornalista, escritora e documentarista. Trabalhou por onze anos no Zero Hora, de Porto Alegre. É repórter especial da Época desde 2000 e autora dos livros: *Coluna Prestes – O Avesso da Lenda, A Vida Que Ninguém Vê e O Olho da Rua*.



de que não somos apenas razão e de que não há como nos despir da carga emocional que nos é própria. Para José Marques de Melo (2006), a grande motivação profissional do jornalista é o direito de emitir também seus pontos de vista sobre os acontecimentos que presencia ou analisa, deixando de ser mero figurante no cenário da atualidade e assumindo-se como protagonista.

A questão da objetividade, perseguida pelo jornalismo e onipresente nos manuais de redação, pretende reproduzir o real, por intermédio da lente de aumento da imprensa, sendo fiel aos acontecimentos e permitindo, assim, que eles ganhem repercussão pública exatamente como ocorreram. O que não se pontua é que o simples fato de selecionar o que entra no jornal, a capa, as manchetes, tudo se configura enquanto opinião, visão de mundo.

Os jornais, em sua origem, são opinativos e não informativos. E na origem, eles emitem uma visão política doutrinária e crítica, até o momento em que a notícia assume papel preponderante nos meios de comunicação de massa e absorve a prioridade dos jornais.

Usualmente, como modelo dos jornais ingleses e norte-americanos, os jornais brasileiros passaram a usar a página editorial para separar a opinião da informação. Juarez Bahia (1990) diz, entretanto, que a restrição noticiosa, a discriminação noticiosa, a omissão noticiosa e a autocensura são formas de editorializar a notícia fora da página de opinião. “A separação definitiva entre notícia e opinião tende a demonstrar na página editorial a crença na utilidade da opinião” (BAHIA, 1990, p.107).

Chaparro diz que o jornalismo não se divide, mas constrói-se com informações e opiniões. Na sua explicação, ele diz que de um lado, a apuração e o relato de um fato são intervenções valorativas de quem escreve, pois sempre há uma seleção daquilo que é relevante; de outro, não se pode construir opinião sem basear-se em fatos ditos “objetivos”. Noticiar, então, é sempre valorar:

O mundo de verdade que dá significação ao texto é um mundo de ajustamentos dinâmicos, em contextos reais, com múltiplos sujeitos e muitas verdades – verdades de quem escreve, de quem lê, de quem informa, de quem comenta, de quem fala, de quem ouve... (...) e a interpretação dá-se por acordos e conflitos, por compreensão e incompreensão, por rejeições e aceitações, por desconfianças e crenças. É em sua totalidade interpretativa que o jornalismo se realiza como espaço e processo cultural. (CHAPARRO, 1998, p.28)

Em relação a essa pretendida objetividade diante do trabalho científico, Geertz (1989, p.40) afirma: “Nunca me impressionei com o argumento de que, como é



impossível uma objetividade completa nesses assuntos, é melhor permitir que os sentimentos levem a melhor”.

Jornalistas e etnógrafos: caçadores

Antes de decidir ser jornalista ou etnógrafo, o homem foi caçador. E durante esse tempo ele “aprendeu a reconstruir as formas e movimentos das presas invisíveis pelas pegadas na lama; aprendeu a farejar, registrar, interpretar e classificar pistas como fios de barba; aprendeu a fazer operações mentais complexas com rapidez fulminante”⁹. Todo esse saber, de que trata Carlo Ginzburg em seu “Mitos, emblemas e sinais”, é próprio de um paradigma indiciário¹⁰ baseado na semiótica, que começou a se firmar nas ciências humanas no final do século XIX. Contrariamente à ciência positivista, calcada no emprego da matemática e do método experimental que exigem quantificação e repetibilidade dos fenômenos, o paradigma do caçador adota uma perspectiva individualizante, analisa as minúcias para desvendar um fato.

Nesse ponto, abriam-se duas vias: ou sacrificar o elemento individual à generalização, ou procurar, elaborar, talvez às apalpadelas, um paradigma diferente, fundado no conhecimento científico do individual. A primeira via foi percorrida pelas ciências naturais, e só muito tempo depois pelas ciências humanas. O motivo é evidente. A tendência a apagar os traços individuais de um objeto é diretamente proporcional à distância emocional do observador.(GINZBURG, 1989, p.163)

O que caracteriza esse saber do tipo venatório é a capacidade de, a partir de dados aparentemente negligenciáveis, remontar a uma realidade complexa não experimentável diretamente. É esse tipo de olhar que permite ao autor relacionar Freud, Arthur Conan Doyle e Giovanni Morelli. Este parece ter influenciado diretamente o que fizeram aqueles. Morelli foi um historiador de arte italiano que desenvolveu um método de críticas de obra de arte que busca identificar características de um estilo artístico individual através uma análise minuciosa, conferindo atenção aos detalhes. Esses dados marginais, afirma Ginzburg, eram reveladores porque constituíam os momentos em que o controle do artista, ligado à tradição cultural, distendia-se para dar lugar a traços puramente individuais. A alusão a uma atividade inconsciente é reveladora porque permite identificar o núcleo íntimo da individualidade artística com os elementos subtraídos ao controle da consciência.

⁹ Ginzburg, 1989, p.151

¹⁰ Segundo o autor, até agora não se prestou suficiente atenção a esse modelo epistemológico. (Ginzburg, p.143)

O método morelliano ou indiciário influenciou Freud antes mesmo da descoberta da psicanálise. Ginzburg, se referindo a Freud, diz que a proposta de um método interpretativo centrado sobre os resíduos, sobre os dados marginais, os pormenores normalmente considerados sem importância ou até triviais, baixos, forneciam a chave para aceder aos produtos mais elevados do espírito humano. Dizia Morelli,

(...) é preciso não se basear, como normalmente se faz, em características mais vistosas, portanto mais facilmente imitáveis, dos quadros: os olhos erguidos para o céu dos personagens de Perugino, o sorriso dos de Leonardo, e assim por diante. Pelo contrário, é necessário examinar os pormenores mais negligenciáveis, e menos influenciados pelas características da escola a que o pintor pertencia: os lóbulos das orelhas, as unhas, as formas dos dedos das mãos e dos pés. (GINZBURG, 1989, p.144)

Da mesma forma, o criador de Sherlock Holmes, Arthur Conan Doyle, também se aproximou do método indiciário para construir o método do detetive Holmes. O detetive é comparável ao conhecedor de arte ao descobrir o autor do crime baseado em indícios imperceptíveis para a maioria. As pegadas na lama, as cinzas de cigarro, os lóbulos das orelhas, tudo é importante para Holmes.

Nessa tripla analogia descrita – Morelli, Freud, Doyle – pistas mínimas talvez possam captar uma realidade mais profunda, de outra forma inatingível. Essas pistas teriam uma nomenclatura distinta em cada caso: para Morelli, eram signos pictóricos; para Freud, sintomas; e para Holmes, indícios. (GINZBURG, 1989, p.150)

A perspicácia do olhar, própria dos exemplos acima citados, é a ferramenta de que se valem os etnógrafos e os jornalistas. Estes são, antes de tudo, investigadores, que precisam enxergar indícios, interpretar fontes. A investigação, aliás, é uma prática cada vez menos adotada pelos jornalistas. Eles preferem escrever a partir dos relatos das chamadas fontes oficiais – Ministério Público, Polícia, Defensoria, Tribunal de Justiça etc – a investigar e buscar fontes novas para construir novas histórias. O emblemático caso “Watergate”, em que dois jornalistas americanos investigam a relação de dois fatos aparentemente desconexos e desvendam o caso de corrupção mais famoso dos Estados Unidos, culminando com a renúncia do então presidente Richard Nixon, mostra que as fontes representam o cerne do trabalho jornalístico e que sem elas esta atividade não pode ser concluída com sucesso. Além de muita dedicação e paciência, o bom jornalista



deve saber preservar suas fontes. Um fato sem nenhuma relevância aparente pode se transformar na maior reportagem do século¹¹.

Ao selecionar o que é relevante, o que tem atributos capazes de identificar certo fenômeno, o etnógrafo e o jornalista se valem do método morelliano de trabalhar com o não-óbvio. E antes de Morelli, eles se assemelham a caçadores, que foram os primeiros, de acordo com Ginzburg, a “narrar uma história”, pois eram capazes de ler, nas pistas mudas – se não imperceptíveis – deixadas pela presa, uma série coerente de eventos.

Reflexões (in) conclusivas

A tentativa de aproximar o trabalho do jornalista e do etnógrafo é, antes de tudo, uma tentativa de descrever a organização da experiência e da ação humanas por meios simbólicos. É a cultura, propriamente dita, que permite que as pessoas, relações e coisas que povoam a existência humana manifestem-se como valores e significados. Significados esses que não podem ser determinados a partir de propriedades biológicas ou físicas. Segundo Laraia

O homem é o resultado do meio cultural em que foi socializado. Ele é um herdeiro de um longo processo acumulativo, que reflete o conhecimento e a experiência adquiridas pelas numerosas gerações que o antecederam. A manipulação adequada e criativa desse patrimônio cultural permite as inovações e as invenções. Estas não são, pois, o produto da ação isolada de um gênio, mas o resultado do esforço de toda uma comunidade. (LARAIA, 2009, p.45)

Relembrando o seu professor Leslie White, que dizia que um macaco não é capaz de apreciar a diferença entre água benta e água destilada, Marshall Sahlins (1997)¹² pontua que essa ordenação (e desordenação) do mundo em termos simbólicos é capacidade singular da espécie humana. É nesse sentido que o estudo da (s) cultura (s) desponta relevante nas ciências humanas, e o trabalho do etnógrafo e do jornalista se cruzam enquanto profissionais que tecem o tecido social e que promovem um “alargamento do universo do discurso humano”, nas palavras de Geertz (1989, p.24).

A raiz etimológica da palavra “etnografia” reside nos vocábulos gregos *etnos*, povo, e *grapho*, descrever. Descrever um povo, eis o exercício do pesquisador que se

¹¹ O caso virou livro e mais tarde filme. “Todos os homens do presidente” – All the president’s men – é o filme que retrata fielmente o árduo processo investigativo de apuração e checagem das informações, que faz do jornalismo investigativo um desafio para qualquer profissional da área. Com destreza e muita paciência, Bob Woodward e Carl Bernstein (Robert Redford e Dustin Hoffman, respectivamente) buscam por fontes, documentos, gravações, tudo que possa conduzir a alguma pista e revelar a verdade sobre o caso.

¹² Sahlins, “O pessimismo sentimental e a experiência etnográfica: por que a cultura não é um objeto em via de extinção” (PARTE I), 1997, p.41



vale desse método. Aparentemente simples, os livro-textos tratam a etnografia enquanto uma prática de estabelecer relações, selecionar informantes, transcrever textos, levantar genealogias, mapear campos, manter um diário e assim por diante (GEERTZ, 1989, p.15) A etnografia, no entanto, não se resume às técnicas utilizadas, ela requer um esforço intelectual muito semelhante ao esforço dos jornalistas, ao empreender uma reportagem. Esse exercício não se encontra nos manuais de redação, porque se trata de interpretação, de subjetividade, de proposição de narrativas. Como narradores de acontecimentos e responsáveis pela memória de uma comunidade, o jornalismo não pode se resumir a um texto pobre, com um mínimo de complexidade, mas avançar: precisa-se do comentário, da interpretação do fato, que auxilie a comunidade na tomada de decisões e na formação de opiniões. Não basta informar objetivamente, mas sim ajudar o leitor na tarefa de compreender a notícia.

Ambos os ofícios tratam de contar histórias. Brene Brown¹³, pesquisadora norte-americana, afirma que “as conexões e as narrativas é o que dá sentido a nossas vidas.” E contam-se histórias em paredes de cavernas, nos ritos dos xamãs de várias tribos, nos papiros chineses, nas pirâmides do Egito, nas peças de Shakespeare, nas praças de Cuiabá. É isso que nos faz humanos segundo Neil Gaiman¹⁴, “a vontade de contar histórias”.

¹³ Brene Brown é professora e pesquisadora na Universidade de Houston, na Faculdade de Serviço Social. Ela estuda as conexões humanas – nossa capacidade de empatia, pertencimento e amor.

¹⁴ Neil Gaiman é um autor de romances e quadrinhos inglês.



Referências bibliográficas

BAHIA, Juarez. **Jornal, História e Técnica - História da Imprensa Brasileira**. São Paulo: Ática, 1990.

BROWN, Brene. **The Power of vulnerability**. TedxHouston, junho de 2010. Disponível em <http://www.ted.com/talks/lang/eng/brene_brown_on_vulnerability.html> Acesso em 20/05/2011

BRUM, Eliane. **Olhar e escuta na busca do personagem singular**. Oficina Laboratório Itaú Cultural. In: Congresso de Ciências da Comunicação na região Centro-Oeste. Cuiabá, 2011.

CAMPOS, Pedro Celso. **A reportagem**. In: Observatório da Imprensa. Abril, 2002. Disponível em <<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/showNews/da100420026.htm>> Acesso em 15/03/2011

CHAPARRO, Manuel Carlos. **Sotaques D' Além e D'Aquém Mar: percursos e gêneros do jornalismo português e brasileiro**. Lisboa: Jortejo Edições, 1998.

FRANZ, Boas. **Antropologia Cultural**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2004. p.87-109

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1989.

GINZBURG, Carlo. **Sinais: raízes de um paradigma indiciário**. In: Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009

MELO, José Marques de. **Teoria do jornalismo: identidades brasileiras**. São Paulo: Paulus, 2006.

SAHLINS, Marshall. **O “pessimismo sentimental” e a experiência etnográfica: Por que a cultura não é um “objeto” em via de extinção (PARTE I)** In: Mana v. 3 n.1 Rio de Janeiro, abril de 1997. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93131997000100002&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt> Acesso em 25/04/2011

SILVA, T. T. da. **A produção social da identidade e da diferença**. In: Silva, T. T. da (Org.). **Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000



SODRÉ, Muniz e FERRARI, Maria Helena. **Técnica de reportagem – Notas sobre a narrativa jornalística**. São Paulo: Summus, 1986.

TYLOR, Edward Burnett. **A Ciência da Cultura**. In: Evolucionismo Cultural: textos de Morgan, Tylor e Frazer. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005. p.69-99